



CENTRO UNIVERSITÁRIO DR. LEÃO SAMPAIO – UNILEÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

ALINE ALEXANDRE DA SILVA

**ABUSO SEXUAL E OS POSSÍVEIS EFEITOS NO DESENVOLVIMENTO DA
CRIANÇA**

Juazeiro do Norte
2020

ALINE ALEXANDRE DA SILVA

**ABUSO SEXUAL E OS POSSÍVEIS EFEITOS NO DESENVOLVIMENTO DA
CRIANÇA**

Artigo apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, como requisito para a obtenção do grau de bacharelado em Psicologia.

Juazeiro do Norte
2020

ALINE ALEXANDRE DA SILVA

**ABUSO SEXUAL E OS POSSIVEIS EFEITOS NO DESENVOLVIMENTO DA
CRIANÇA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à coordenação do curso de
Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão
Sampaio, como requisito para obtenção de
grau de Bacharelado em Psicologia.

Aprovado em: 14/12/2020

BANCA EXAMINADORA

Me. Flaviane Cristine Troglia da Silva
Orientadora

Esp. Vitória Régilla Soares de Lacerda
Avaliadora

Me. Tiago Deividly Bento Serafim
Avaliador

ABUSO SEXUAL E OS POSSÍVEIS EFEITOS NO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

Aline Alexandre da Silva¹
Flaviane Cristine Troglio da Silva²
Clarissa de Pontes Vieira Nogueira³

RESUMO

O presente artigo aborda sobre abuso sexual infantil, destacando os possíveis efeitos causados e suas implicações no desenvolvimento da criança, com intuito de subsidiar as ações dos profissionais de diversas áreas que atuam direta ou indiretamente com elas. Tendo como objetivo geral a buscar por elementos que aponte consequências decorrentes do abuso sexual. Os objetivos específicos vão compreender e avaliar a extensão das consequências do abuso sexual; abordar os aspectos físicos, comportamentais dessas consequências e por último apresentar o impacto da experiência vivida no desenvolvimento da criança, seja de curto ou longo prazo. Tratando-se de uma pesquisa de base quantitativa e bibliográfica. Dos resultados obtidos, refletir sobre o tema proposto possibilitou um entendimento acerca do abuso sexual infantil como uma fase propícia ao aprendizado. Mediante as ocorrências em diversos cenários de abuso sexual infantil é fundamental uma melhor compreensão sobre as causas e consequências diante dos casos, principalmente por está profundamente enraizado na nossa realidade, seja de maneira cultural, econômica ou social. Deste modo, destaca-se a importância de um profissional de psicologia qualificado para o acompanhamento dessas crianças, com o intuito de contribuir no seu processo de desenvolvimento.

Palavras-chave: Abuso sexual. Crianças. Efeitos. Desenvolvimento.

ABSTRACT

This article deals with child sexual abuse, highlighting the possible effects caused and its implications on the child's development in order to subsidize the actions of professionals from different areas who work directly or indirectly with them. Having as general objective to search for elements that point consequences resulting from sexual abuse. Specific objectives will understand and assess the extent of the consequences of sexual abuse; address the physical and behavioral aspects of these consequences and, finally, present the impact of the lived experience on the child's development, whether in the short or long term. This is a quantitative and bibliographic research. From the results obtained, reflecting on the proposed theme enabled an understanding of child sexual abuse as a propitious stage for learning. Through the occurrences in different scenarios of child sexual abuse, it is essential to have a better understanding of the causes and consequences in the cases, mainly because it is deeply rooted in our reality, whether in a cultural, economic or social

¹Discente do curso de psicologia da UNILEÃO. E-mail: alinealex03@gmail.com

²Orientadora e docente do curso de psicologia da UNILEÃO. E-mail: flaviane@leaosampaio.edu.br

³Co-orientadora e discente do curso de psicologia da UFC Sobral. E-mail: clarissadepontesvieiranogueira@gmail.com

way. Thus, the importance of a qualified psychology professional to monitor these children is highlighted, in order to contribute to their development process.

Keywords: Sexual abuse. Children. Effects. Development.

1 INTRODUÇÃO

A violência desde muito tempo transformou-se uma pauta de preocupação para a sociedade em geral, e desde então, surgiu vários estudos com o foco preferencial as vítimas. Entende-se, deste modo, como um problema que ocorre com crianças e adolescentes de ambos os sexos, não obedecendo nenhum tipo de regra seja de nível social, religioso, cultural e/ou econômico (ABRAPIA, 2002).

A Organização Mundial de Saúde (OMS, 2002) definiu que o abuso ou maus-tratos em crianças se constituem de todas as formas de tratamento doentio físico ou emocional, resultando em danos reais e potenciais para a saúde, sobrevivência, desenvolvimento e dignidade da mesma. A Sociedade Internacional de Prevenção ao Abuso e à Negligência em Relação à Criança (International Society for Prevention of Child Abuse and Neglect) no mesmo ano, também realizou uma comparação em 58 países, ao que se refere à definição e encontrou alguns pontos em comum em relação à da OMS.

Diante de vários registros existentes na literatura, desde muitos anos, sobre o abuso sexual de crianças, é importante considerar que a violência de natureza sexual praticada contra crianças e adolescentes cujas principais demonstrações são o abuso sexual e a exploração sexual é classificada como um tipo de violência interpessoal e são comuns à ocorrência no meio familiar ou comunitário. Bem como, as meninas correm mais riscos em sofrerem o abuso sexual e podem ser três vezes mais vítimas que os meninos, segundo o Relatório Mundial sobre Violência e Saúde (WHO, 2002).

Mediante as ocorrências em diversos cenários, é fundamental uma melhor compreensão sobre as causas e consequências diante dos casos, principalmente por está profundamente enraizado na nossa realidade, seja de maneira cultural, econômica ou social. Sendo assim, vale salientar que o abuso sexual é considerado um dos principais problemas mundiais de saúde pública, o abuso sexual engloba toda população, trazendo danos às atividades físicas e psíquicas para quem sofre o ato. Portanto, mesmo com toda evolução quanto aos princípios que são vistos de

forma moral e legal á crianças, os casos de abuso sexual não pararam de acontecer, passando a ser considerado pela sociedade como crime com sequelas de forma unificada e irreparável (GOMES et al., 2002).

Baseado em fatores que justificam o presente trabalho a partir de uma percepção pessoal que se volta para a área clínica, o interesse no tema surgiu através da prática no estágio supervisionado por ter frequentes demandas que chegam relacionadas ao abuso sexual com crianças, surgindo o desejo de aprofundar e aprimorar os conhecimentos diante desse assunto. Verificando as condições de trabalho dos psicólogos que atuam diante essa situação e em trabalhar no desenvolvimento e emoções das vítimas, busca contribuir também nos âmbitos social e acadêmico, através da contribuição e aprimoramento sobre o referido assunto, desenvolvendo novos materiais que possam ser usados como base para novas pesquisas e investigações.

Neste sentido, o objetivo do estudo é buscar elementos que apontem consequências decorrentes do abuso sexual. Discutir assim os aspectos específicos que são compreender e avaliar a extensão das consequências do abuso sexual; abordar os aspectos físicos, comportamentais dessas consequências; e por fim, apresentar o impacto da experiência vivida no desenvolvimento da criança, seja de curto ou longo prazo.

2 METODOLOGIA

O trabalho foi desenvolvido por meio de pesquisa bibliográfica que, de acordo com Martins e Theóphilo (2016), esse tipo de pesquisa busca explicar e discutir um assunto, tema ou problema embasado em referências publicadas em livros, revistas, periódicos, enciclopédias entre outros referenciais de pesquisa, procurando conhecer, analisar e explicar contribuições sobre o assunto escolhido a partir das obras utilizadas.

Constituindo-se como uma pesquisa qualitativa, Tuzzo e Braga (2016) denotam que na pesquisa qualitativa o seu destaque não está na busca pela quantidade, pois não se baseia em números e estatísticas, mas, na qualidade e profundidade de dados e descobertas por meio dos fenômenos.

O trabalho conta com estudos que abordam o abuso sexual, tentando compreender e avaliar a extensão das consequências contra crianças e

considerando que existem particularidades e de que forma os aspectos biológicos, psicológicos e socioculturais atuam diante os casos de violência, abordando também como a psicologia pode contribuir.

Os sites utilizados foram: Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), Google acadêmico, Scielo, entre outros. Utilizando-se, como método de inclusão, pesquisas dos últimos 20 anos, que contextualizam o tema proposto; os critérios de exclusão dar-se por obras em outros idiomas que não sejam o português, que não estejam de acordo com a cronologia ressaltada e que não atendam ao público alvo nas pesquisas. A busca aconteceu inicialmente com a combinação dos seguintes descritores: abuso sexual infantil; impactos causados nas crianças e adolescentes vítimas do abuso; perfil dos abusadores sexuais e consequências de curto e longo prazo.

3 ABUSO SEXUAL NA INFÂNCIA E SUAS CONFIGURAÇÕES

Sabemos que atualmente a violência revela-se como um fenômeno que se propaga no meio social e em suas variadas formas, atingindo um número extensivo de pessoas, sem distinção de sexo, raça, condição socioeconômica, religião ou idade. Contudo, são as crianças as vítimas mais comuns dessa situação (MAIA, 2012).

Diariamente, essas crianças são submetidas às mais diversas e dolorosas manifestações de violência, sejam elas de maneira física, psíquica e emocional, em todo o cenário do mundo. As categorias mais comuns de abusos são: abuso sem contato físico, que a partir dele acarreta vários outros como sexual verbal, exibicionismo, voyeurismo e pornografia (fotos ou vídeos); e o abuso com contato físico, que partem dos atos físico-genitais, bem como a pornografia e a prostituição (ABRÁPIA, 2002).

Nos últimos anos, o abuso sexual às crianças tem aumentado muito, geralmente sendo mais habituais no ambiente familiar, através do pai, do padrasto, do irmão ou outro parente qualquer. Mas também podem ocorrer fora de casa, como por exemplo, na casa de um amigo da família, na casa da pessoa que toma conta da criança, na casa do vizinho, de um professor ou mesmo por um desconhecido. Devido ao fato da criança muito nova não ser preparada psicologicamente para o estímulo sexual, e mesmo que não possa saber da conotação ética e moral da

atividade sexual, acaba desenvolvendo problemas emocionais depois da violência sexual, o qual o abusador usa da sua confiança e/ou força física para conseguir atraí-las e assim cometer o abuso (MELO et al., 2015).

A violência contra crianças e adolescentes é caracterizada pelas seguintes modalidades: física, psicológica, negligência e sexual. A violência física é quando a criança ou adolescente sofrem violência pelo uso da força física intencional. A violência psicológica é quando sofrem humilhações, rejeição, discriminação ou desrespeito. A negligência é quando existe omissão por meio dos familiares ou outros, podendo ser classificada em severa ou moderada. E, por último, a violência sexual é quando a criança é vista como objeto sexual de desejo por um adulto ou é negociada para outro adulto para fins lucrativos (NABAS, 2014).

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), o abuso sexual infantil é um dos principais problemas na saúde pública, a maioria das vítimas é do sexo feminino, e por mais que existam casos menos conhecidos, os meninos também sofrem abuso. Sendo a partir de dados como esses que conseguimos ter uma compreensão bem maior de alguns contextos aos quais essas crianças estão sujeitas como maus-tratos físicos e emocionais, bem como o abuso sexual e a negligência (OPAS, 2017).

Pesquisas realizadas apresentam de maneira bem clara, os elevados dados que se referem à violência, partindo da própria violação dos direitos que as crianças e adolescentes possuem (BRASIL, 2020).

| | | AGRESSOR | VÍTIMA |
|--|--|---------------------------------------|---------------|
| Registro dos Direitos Humanos | 159 mil | | |
| Violação dos Direitos da Criança e do Adolescente | 86,8 mil | | |
| Aumento | 14% em comparação a 2018 | | |
| Levantamento da ONDH | 73% dos casos ocorrem dentro de casa ou na do suspeito | | |
| | | Pai ou padastro | |
| Idade | | 62% idade adulta (entre 25 a 40 anos) | 12 a 17 anos |
| Sexo | | 87% do sexo masculino | Feminino |

| | | | |
|------------------|--|-----|-----|
| Denúncias | | 40% | 46% |
|------------------|--|-----|-----|

Fonte: Dados do Site do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, 2020.

Dados como esses permitem aos órgãos responsáveis e a sociedade em geral, que fique alerta em relação à violência, pois deve ser tratada com muito mais atenção. O levantamento de tais resultados, no ano 2018 até agora, ainda são preocupantes, principalmente ao que se refere às denúncias realizadas, representando apenas 11%, o que corresponde 17 mil ocorrências, mantendo-se praticamente estável e apresentando uma queda de apenas 0,3%. Em média, foram feitas 159 mil registros pelo Disque Direitos Humanos ao longo de 2019. Vale ressaltar a importância da campanha maio amarelo que surge principalmente com intuito de orientar, conscientizar, prevenir e combater o abuso e a exploração sexual de crianças e adolescentes, promovendo informações, sensibilidade, mobilizando e convocando toda a sociedade (GOVERNO FEDERAL, 2020).

Importante salientar, que a banalização ou naturalização da violência podem implicar na incorporação ou reprodução de comportamentos agressivos, como modo de ação e da relação com os outros. Por isso que, o papel de todos os adultos em geral é fundamental para que se possa intervir e cuidar dos casos que vivenciam essas questões da violência, pois como existem várias formas (intrafamiliar, extrafamiliar e institucional), a informação advinda ajudaria elaborar nessas crianças e adolescentes, a capacidade de compreensão e uma postura totalmente diferente em relação à naturalização da violência (BRASIL, 2006).

3.1 O PERFIL DOS ABUSADORES

Antes de qualquer terminologia é preciso compreender que muitas questões, na maioria das vezes de senso comum, acabam por generalizar o pedófilo e abusador no mesmo contexto, como se um fosse sinônimo do outro. E para tratar sobre o perfil dos abusadores é necessário levar em consideração questões como o sexo e a idade dos agressores, a situação de vulnerabilidade do agressor, o local que ocorreu o ato, a frequência e duração do abuso, a necessidade de internação e as sequelas decorrentes da violência (MARTINS; JORGE, 2019).

Segundo Pires e Pereira (2014) diferenciar as seguintes tipologias existentes é de suma importância, mostrando assim que, a pedofilia é quando existe desejo sexual por crianças; a hebefilia é quando existe desejo sexual por púberes ou

recém-púbere; e por último, o incesto, que é quando existe a realização de atividades sexuais entre parentes.

Dessa maneira, é considerável também diferenciar o pedófilo do abusador sexual, salientando que nem todo pedófilo abusa sexualmente da vítima e nem todo abusador é pedófilo. Assim sendo, quando não ocorre a consumação do ato é considerado como pedofilia; e quando se efetiva é considerado como molestador ou abusador (NABAS, 2014).

Nem todas as pessoas diagnosticadas com transtorno parafilícos são consideradas ou se tornam agressores sexuais. Algumas pesquisas realizadas estimam que cerca de 50% dos agressores sexuais são pedófilos e para que seja considerado pedófilo é necessário que exista um diagnóstico dado por um psiquiatra. Vale salientar que muitos casos de abuso ou exploração sexual são praticados por pessoas que não são diagnosticadas pelo transtorno parafilíco (BLEFARI et al., 2016).

O diagnóstico do transtorno parafilíco requer atenção diante os critérios diagnósticos, pois existem outros transtornos e condições a qual podem estar associados ao abuso sexual contra crianças e adolescentes como o transtorno de conduta, o transtorno de personalidade, o transtorno por uso de álcool e/ou drogas, onde cada um pode vir a ter influência diretamente na prática do abuso não somente o transtorno em questão (DSM-5, 2014).

Abusadores dificilmente mudam sua prática de ação, seja ela de aspecto psicológico, cultural ou sexual, mesmo diante do risco de serem identificados. O *modus operandi* determina como será o sucesso do crime, protegendo a identidade do indivíduo e em alguns casos garantindo sua fuga. Não esquecendo também os rituais, que excedem como ocorrerá a execução do crime, construindo a base das necessidades psicosexuais. Esses crimes sexuais não acontecem simplesmente, pois somente um pequeno número age com planejamento ou premeditação. Todo o processo, para a maioria desses criminosos, é compreendido que suas ações e comportamentos, não são crimes e é totalmente aceitável (SERAFIM et al., 2009).

É necessário ter uma devida atenção aos mitos e realidades sobre o assunto, pois existem muitas controvérsias para grande parte da população, por mais que persista a conscientização através de uma data a qual é voltada para o combate ao abuso e a exploração sexual de crianças e adolescentes, é a compreensão da

população geral que resultaria em uma percepção mais cuidadosa (HABIGZANG, 2016).

Para um maior auxílio e esclarecimento das informações, a ABRAPIA (2002) expõe os mitos mais frequentes. Pois ainda há quem acredite, que o abusador é um psicopata, um tarado e que a identificação dos mesmos na rua é fácil, vindo a ter características próprias, representando um grande perigo às crianças e adolescentes; que o abuso sexual é uma situação rara que não merece ser prioridades para o governo e que tanto os pais, como professores, estão informados sobre a frequência em que ocorre; como lidar e que o abuso se limita a estupro; que uma criança pode mentir e inventar que é abusada sexualmente; ao se depararem virtualmente com a divulgação de textos, fotos ou até mesmo cenas de pratica sexuais não causam malefícios, por se tratar de algo que não houve o real contato; que o abuso sexual está associado diretamente a lesões corporais, sendo evidentes os sinais encontrado nas vítimas; ao nível socioeconômico baixo, vindo a ser oriundo nas famílias que fazem parte desse nível; que na maioria dos casos ocorrem longe de casa; e que a maioria dos casos são denunciados.

Tendo em vista todos esses mitos, é importante explicar que o contexto real se difere totalmente do que muitos acreditam ser verdade. Assim sendo, os casos de abuso praticado por estranhos é um pequeno percentual principalmente por ser cometido por familiares, amigos ou conhecidos, vindo ocorrer com frequência dentro ou próximo de casa pertencendo, muitas vezes, ao mesmo grupo étnico ou socioeconômico, o que não quer dizer que os níveis de renda familiar e de educação são indicadores para o abuso. Infelizmente a maioria da população brasileira, ainda desconhece a realidade sobre o abuso sexual de crianças, estimando que poucos casos sejam de fato denunciados, sobretudo, os que há envolvimento dos familiares, seja por motivos afetivos ou por medo do abusador (ABRAPIA, 2002).

Tanto a ABRAPIA (2002), e outros autores como Blefari, Hohendorf, e Habigzang (2016), reforçam que a violência física não é a mais comum (somente 30% apresentam evidências físicas), mas sim a psicológica, sendo a mais prejudicial diante as consequências provocadas. Diante disso, vale ressaltar que o abuso sexual é extremamente frequente em todo mundo e que o pedófilo pode ser qualquer pessoa, aparentemente normal, que pode utilizar o meio virtual para atrair suas vítimas, logo podendo passar para conquista física.

Por fim, vale ressaltar que uma minoria de casos, o agressor sexual sofre de distúrbios psiquiátricos, mas nem todo crime deve se associar a doenças mentais. Precisando entender as motivações consciente e inconsciente do indivíduo, tratando de maneira humanitária os casos leves ou de grande repercussão (graves), trabalhando também os fatores sociais, biológicos, psico-afetivo e cognitivo.

4 CONSEQUENCIAS A CURTO E LONGO PRAZO DO ABUSO SEXUAL PARA CRIANÇA

As consequências ou gravidades apresentadas pelo abuso sexual variam de acordo com certas condições ou condições predeterminadas onde cabe compreender os aspectos os quais essa vítima foi submetida. Estudos apontam que o abuso sexual deixa rastros físicos, psicológicos, sociais, entre outros, prejudicando seriamente a vida das vítimas (crianças) que sofreram algum tipo de violação. Ao vivenciarem uma experiência de violação, elas costumam reagir de maneira sintomática (PRADO, 2004).

As crianças e adolescentes manifestam problemas no desenvolvimento emocional, físico e/ou sexual; baixa autoestima; tristeza; depressão; insegurança; agressividade; isolamento; ideações e tentativas de suicídio; dificuldades para criar vínculos e/ou confiar em pessoas; uso de drogas; alterações no sono; doenças sexualmente transmissíveis; gravidez e casamentos precoces; precariedade na saúde e desenvolvimento de doenças; dificuldade na aprendizagem; e escolhas que reproduzem a violência no processo de vida (NABAS, 2014).

Segundo Salgado (2018) alguns sintomas de curto prazo estão diretamente ligados a fatores de riscos em contextos de exposições e de experiências negativas, que proporcionam a esses indivíduos ambientes com situações de vulnerabilidade e prejuízos ao seu desenvolvimento, diferindo dos contextos nos quais outros indivíduos não são expostos a esse tipo de situação. Diversos sintomas potencializam-se no decorrer dos acontecimentos, sobretudo quando não existe o tratamento, vindo a acentuar suas consequências e sofrimentos psíquicos, logo após o evento (DAIGNEAULT; HÉBERT; TOURIGNY, 2006; BRABANT; HÉBERT; CHAGNON, 2012).

Quanto às consequências futuras, Florentino (2015) vem destacar o uso de álcool e/ou drogas, bem como problemas relacionados à delinquência visto que a

mesma é gerada dos agravos emocionais das vítimas expostas à violência, indicando que as mesmas são capazes de ocasionar, tanto transtornos psicológicos como psiquiátricos, que a partir de diversos fatores tornam-se resultantes.

Todas essas condições são variantes e classificadas em curto (infância) e longo prazo (adolescência e idade adulta), havendo principais sinais ou sintomas perceptíveis a partir de manifestações ligadas diretamente a questões de cunho sexual e em suas relações. Estudos indicam que essas pessoas, tanto na adolescência como na vida adulta, apresentam resultados que confirmam a existência de uma forte relação entre ter sofrido abuso na infância e os transtornos de conduta, transtorno de identidade de gênero, bem como transtorno de preferências sexuais, incluindo as parafilias (DALGALARRONDO, 2000).

Segundo (2019) apresenta que nesse processo, o psicólogo trabalhará com um tratamento específico observando cada particularidade dos casos que lhe chegam, empenhando-se na busca de soluções que consista em uma eficácia para o desenvolvimento da criança, seja ele de vertente emocional ou psicológica, de forma que não atrapalhe suas fases seguintes (adolescência e vida adulta).

Partindo de uma intervenção que corresponda ao tipo de abuso sofrido e das necessidades específicas que se fazem presentes no processo, o tratamento precisa ser planejado e preparado conforme o objetivo a qual será realizado, originando-se de como acontecerá, uma vez que, existem as seguintes alternativas individual, grupal ou de par, e se também será direcionado a todos familiares, não deixando de ressaltar o local e o tempo de duração da sessão. Tendo em vista as diversas técnicas que podem ser usados como jogos, músicas, desenhos, redação, histórias, teatro, entre outros (ALMEIDA, 2012).

Desta forma, é evidente que os diversos tipos de psicoterapia mostram-se benéficos ao tratamento de crianças vítimas do abuso, ressaltando que a extensão das consequências depende de particularidades da vivência de cada vítima. Sendo assim, é de suma importância trabalhar sobre esse assunto através da ótica da singularidade dos casos, evitando desse modo, questões muito reducionistas ou generalistas (SILVA; GAVA; DELL'AGLIO, 2013).

4.1 IMPACTOS DO ABUSO SEXUAL CAUSADOS NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL

O impacto do abuso sexual infantil nas crianças e no desenvolvimento pode estar relacionado a muitas questões, levando em conta suas características individuais, familiares e sociais (NURCOMBE, 2000). As sequelas do abuso sexual infantil podem ocorrer de diversas formas e níveis, que incluem consequências físicas e psicológicas. (PAOLUCCI et al., 2001).

Sabendo que o abuso sexual mais frequente é o intrafamiliar, as consequências apresentadas pelas vítimas são as mais danosas, mostrando que aproximadamente são cometidos 50% dos abusos por membros da família (KAPLAN; SADOCK; GREBB, 1997). Tais consequências são múltiplas, sendo que seus efeitos, tanto físicos como psicológicos, podem ser perpetuos e devastadores (BLANDCHARD, 1996).

Muitas vezes pode ser difícil saber até que ponto o prejuízo se origina, como em todos os tipos de abuso, especificamente do abuso e até que ponto tem relação no convívio em família, que geralmente são desorganizadas e desestruturadas (GÁTTAS, 2015). Nas questões emocionais, as vítimas costumam se sentirem culpadas, experimentando uma sensação em resposta à incapacidade de impedir as investidas do seu agressor. No que se refere às questões comportamentais, são observados desobediência, agressividade, atitudes anti sociais e provocação, em ambos os sexos, principalmente os meninos; já as meninas são mais propensas as autoagressões como automutilação, queimarem-se com cigarros e bem como reação anoréxica (GOODMAN; SCOOT, 2004).

Segundo Borges (2010) e Câmara Filho e Sougey (2001) a relação ao padrão de experiência é invasiva, as crianças podem sofrer traumas recorrentes, por meio de jogos repetidos e os jogos internos. O aspecto do trauma parece estar relacionado à agitação, inexistência de esportes, pesadelos, conteúdos relacionados ao trauma, sonhos traumáticos, reestruturação regular e dor. Situações desse tipo são expressas por meio de desinteresse com relação à atividade habituais, querendo estar sempre sozinho (a) ou isolado (a) de todos. Sendo assim, as crianças podem mostrar distúrbios do sono, irritabilidade e raiva, desatenção, alerta, reação de surto exagerado e resposta autônoma a memória traumática.

Pesquisas mostram que o transtorno de estresse pós-traumático (TEPT) está relacionado com exposições e incidentes estressores traumáticos sofridos pela vítima, gerando um conteúdo emocional forte, com dores, medos e terror. Um evento é considerado traumático quando se trata de "situações vividas", ou que há

testemunhas ou rosto, em que existe uma ameaça, ou perturbação na vida pessoal ou ameaças a integridade física (CÂMARA FILHO; SOUGEY, 2001).

Embora o TEPT seja uma resposta emocional muito comum após eventos traumáticos e possui características como um transtorno de ansiedade diagnóstica, estatísticas mostram que podem acarretar em transtornos mentais de perspectiva cognitiva (APA, 2014).

Outro transtorno que a criança pode apresentar é o transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH), que é caracterizado pela desatenção e/ou hiperatividade/impulsividade, sendo um problema de saúde cujas implicações envolvem diversas áreas da vida do indivíduo (APA, 2014). Sendo assim, as crianças vítimas de abuso sexual podem apresentar como problemas comuns o baixo desempenho acadêmico e profissional em suas relações interpessoais, de maneira frequente (GÁTTAS, 2014).

A maioria das pesquisas está relacionada à deficiência cognitiva, apontando que exposição a eventos traumáticos da infância, como por exemplo, o abuso sexual pode interferir processo de maturação do tecido cerebral, devido à superativação do sistema nervoso (BREMNER, 1999; GLASER, 2000; PERRY, 1997). Estudos teóricos como esse foca na relação entre abuso sexual infantil, TEPT e deficiência cognitiva que contribui para um desenvolvimento totalmente traumático para as pessoas que o sofrem.

O abuso sexual pode ocasionar diversos problemas, tanto para as vítimas, seus familiares e a sociedade, tendo em vista a relação entre o mesmo, o TEPT, o TDAH e a deficiência cognitiva que podem vir a contribuir de maneira insatisfatória no desenvolvimento da criança, tornando totalmente traumático o seu processo pessoal e também social.

5 OUTRA DIMENSÃO DO ABUSO SEXUAL INFANTIL

A literatura existente aborda o abuso sexual infantil praticado principalmente por homens, mas a existência de abuso cometido por mulheres requer uma atenção mais aprofundada, bem como uma investigação maior para identificação e consequentes denúncias nesse contexto.

Nos últimos anos, o abuso sexual de crianças realizado por mulheres tem ganhado visibilidade, apesar de a questão social existente voltar-se diretamente

para agressores do sexo masculino. O que mostra que a sociedade tem dificuldade em aceitar que uma mulher seja capaz de abusar sexualmente de uma criança, por as mesmas representarem o papel de cuidadoras e não de agressoras. Esse tipo de perspectiva sociológica dificulta bastante a percepção e a revelação do próprio abuso (PAULINO; ALHO, 2018).

A tendência para ver as mulheres como incapazes de abusar sexualmente de uma criança, demonstra que a literatura está limitada e os estereótipos, bem como as expectativas culturais acerca da sexualidade influenciam diretamente a percepção dos comportamentos que são ou não considerados ofensivos. Esses tais aspectos, propiciam que os abusos sexuais cometidos pelas mulheres continuem sendo despercebidos, acabando sendo ignorada a real dimensão (ALMEIDA; PAULINO, 2012).

As diferenças culturais reconhecem, a partir da literatura, uma difícil tarefa em estabelecer uma definição universal para o abuso praticado por mulheres, por ser relativamente propício a determinados comportamentos. Como por exemplo, em algumas culturas indígenas, como siriono, é comum às mães acariciarem as partes íntimas dos seus bebês (GOODMAN; SCOTT, 2004).

Em termos gerais, a definição de abuso apresenta diversas terminologias, mas está diretamente ligada a contatos e interações entre um adulto e uma criança ou adolescente, que visam estímulo ou gratificação sexual. Vale ressaltar que qualquer abuso cometido por mulheres tende a ser visto como menos nocivo para a criança se comparado com o abuso sexual por homens. O que se refere a tipologias pode-se citar três: agressoras independentes são as que agem sozinhas; coagressoras são as que praticam o abuso ativamente e em cooperação com o homem, porém sem coação; e agressoras coagidas são as que praticam o abuso devido à coação (DUNCAN, 2010).

Vários estudos sugerem uma baixa taxa de abuso sexual de criança perpetrada por mulheres, entre 1% e 4%. Estes números são influenciados pela descrença nas mulheres serem capazes de abusar sexualmente onde acaba se tornando raro e não sendo denunciado. Sendo assim, é manifestado dificuldades quando a relação vítima-agressor é mais próxima, principalmente se tratando de famílias monoparentais, por não existir outro adulto a quem recorrer e a probabilidade de denuncia são menores (HUSS, 2011).

A literatura existente, sobre o abuso sexual praticado por mulheres, continua bastante escassa, sendo que a maioria dos estudos volta-se totalmente para os homens. Essa realidade, associada a estereótipos e expectativas culturais acerca da mesma, acarreta em diversas limitações a tal ponto de não ter uma identificação, nem as denúncias dos casos. Dessa maneira, tornar-se um terreno fértil para novas investigações e o desenvolvimento de novos mecanismos de avaliação para essas indivíduos, sendo importante o aprimoramento e exploração desse assunto nesse contexto (PAULINO; ALHO, 2018).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabendo que vítimas e agressores, na maioria dos casos, convivem no mesmo ambiente tornando possível a realização da violência, por mais que existam diferentes populações e contextos, toda e qualquer ação irá gerar marcas permanentes, sejam elas biológicas ou psicológicas.

As pesquisas encontradas conduziram significativamente todo o desenvolvimento do trabalho, mas percebeu-se a existência de poucos artigos que retratem o abuso em outras esferas, como por exemplo, o abuso cometido por mulheres, sendo de extrema importância estudos ou pesquisas que se ressalte ou aprofunde as questões aqui apresentadas. O devido reconhecimento contribuiria consideravelmente para o combate de forma geral a quaisquer tipos de estereótipos ou normalização, podendo vir a ser um grande avanço para a população mundial.

Os preconceitos e crenças são presentes nos julgamentos dos crimes sexuais contra crianças, por mais que se apresentem de maneira sutil ou imperceptível para os julgadores, o que exige uma reflexão sobre a característica vista como não familiar partindo de uma representação social.

Perante as ações que se volta para esse de conduta o Código de Ética e a Declaração dos Direitos Humanos capacitam os futuros psicólogos e profissionais entender o respeito que se deve ter para com o outro ser humano, capacitando-os e orientando-os de forma clara e objetiva. Vale ressaltar que a não compreensão prejudicará a formação dos psicólogos atuantes e dos que estão a ser formar, onde sua conduta será de forma inadequada, discriminatória e excludente (BERNADI, 2010 *apud* RECHTMAN, CASTELAR, CASTRO, 2013). Sendo assim, o profissional de psicologia contribuiria com estratégias que possam ajudar as vítimas de abuso

sexual e suas famílias, amenizando as possíveis consequências e os impactos negativos para o seu desenvolvimento.

É notório que ainda há muito a ser feito e explorado na área em relação à prevenção para se atuar nos atendimentos dos casos, mas principalmente nos fatos. Diante das leituras e estudos analisados conclui-se que, ainda existe uma necessidade de aprofundar os mecanismos dentro políticas públicas voltadas tanto para vítima; bem como implementar ações direcionadas para o agente agressor, tendo em vista os resultados que contribuiriam para a redução de tais eventos.

REFERÊNCIAS

ABRAPIA. **Abuso Sexual Contra Crianças e Adolescentes**. 3ª Ed. – Petrópolis, RJ: Editora Autores & Agentes & Associados, 2002. Disponível em: <http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/Abuso_Sexual_mitos_realidade.pdf>. Acesso em: 12 de mar. 2020.

ALMEIDA, Fátima; PAULINO, Mauro. **Profiling, Vitimologia e Ciências Forenses: perspectivas atuais**. 2ª Ed. Lisboa: Pactor editora, 2012.

ALMEIDA, Vanessa Maria. Tratamento psicoterápico para vítimas de abuso sexual infantil: evidências da literatura internacional. **Revista Médica de Minas Gerais**. Vol. 20.2. 2018. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942013000100006>. Acesso em: 15 de nov. 2020.

APA - Associação Americana de Psiquiatria (2014). **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais** (5ª. ed.). Porto Alegre: Artmed.

BORGES, Jeane Lessinger; ZOLTOWSKI, Ana Paula Couto; ZUCATTI, Ana Paula Noronha; AGLIO, Débora Dalbosco Dell'. Transtorno de Estresse Pós-traumático (TEPT) na infância e na adolescência: prevalência, diagnóstico e avaliação. **Aval. psicol.** vol.9 no.1. Porto Alegre. 2010. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712010000100010>. Acesso em 26 de set. 2020.

BLANCHARD, J. **Sexual exploitation**. Trabalho apresentado no Congresso Against the Sexual Exploitation of Children, Brasília, Brasil, 1996.

BRABANT, M-E.; HÉBERT, M.; & Chagnon, F. (2012). Les symptômes dépressifs, les idéations et les tentatives suicidaires chez les adolescents ayant vécu une agression sexuelle. In: Hébert M, Cyr M, Tourigny M, organizadores. **L'agression sexuelle envers les enfants**. Tome II. Québec: Presses de l'Université du Québec;. p. 55-89. Disponível em: <[https://books.google.com.br/books?id=OBocllaAt2oC&pg=PA191&lpg=PA191&dq=Les+sympt%C3%B4mes+d%C3%A9pressifs,+les+id%C3%A9ations+et+les+tentative+s+suicidaires+chez+les+adolescents+ayant+v%C3%A9cu+une+agression+sexuelle+](https://books.google.com.br/books?id=OBocllaAt2oC&pg=PA191&lpg=PA191&dq=Les+sympt%C3%B4mes+d%C3%A9pressifs,+les+id%C3%A9ations+et+les+tentative+s+suicidaires+chez+les+adolescents+ayant+v%C3%A9cu+une+agression+sexuelle)>

brabant&source=bl&ots=KFdcvh_S9d&sig=ACfU3U27Xn3j_XQYdesdTeOPszHX1oRBEA&hl=pt-PT&sa=X&ved=2ahUKEwiZ5fyPvaDtAhWTK7kGHR-nDboQ6AEwCXoECAUQAg#v=onepage&q=Les%20sympt%C3%B4mes%20d%C3%A9pressifs%2C%20les%20id%C3%A9ations%20et%20les%20tentatives%20suicides%20chez%20les%20adolescents%20ayant%20v%C3%A9cu%20une%20agression%20sexuelle%20brabant&f=false>. Acesso em: 13 de out. 2020.

BRASIL, Instituto WCF. **Refazendo laços de proteção: ações de prevenção ao abuso e à exploração sexual comercial de crianças e adolescentes: manual de orientação para educadores**. São Paulo: CENPEC: CHILDHOOD. 2006. Disponível em: <http://crianca.mppr.mp.br/arquivos/File/publi/childhood/refazendo_lacos_sjc_net.pdf>. Acesso em: 29 de set. 2020.

CUNHA, E. P.; SILVA, E. M.; GIOVANETTI, A. C. **Enfrentamento à violência sexual infanto-juvenil: expansão do PAIR em Minas Gerais**. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

DALGALARRONDO, P. **Psicologia e Semiologia dos Transtornos Mentais**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

Daigneault, I., Hébert, M., & Tourigny M. (2006). **Attributions and coping in sexually abused adolescents referred for group treatment**. *Journal of Child Sexual Abuse*; 15(3):35-59. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1300/J070v15n03_03>. Acesso em: 12 de out. 2020.

FILHO, J. W. S. Câmara; SOUGEY, E. B. (2001). **Transtorno de estresse pós-traumático: formulação diagnóstica e questões sobre comorbidade**. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 23(4), 221-228. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1516-44462001000400009&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 12 de mar. 2020.

FLORENTINO, Bruno Ricardo Bérghamo. As possíveis consequências do abuso sexual praticado contracrianças e adolescentes. **Fractal: Revista de Psicologia**. V. 27, n. 2, p. 139-144, maio-ago. 2015. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/1984-0292/805>>. Acesso em: 27 de set. 2020.

GÁTTAS, Ivete. **Fundamentação Teórica: Caso complexo Wilson - Transtornos mentais na infância**. 2015. Disponível em: <https://www.unasus.unifesp.br/biblioteca_virtual/esf/3/unidades_casos_complexos/unidade31/unidade31_ft_transtornos.pdf>. Acesso em: 20 de nov. 2020.

GOMES, R., Junqueira, M. F. P., SILVA, C. O., Junger, W. L. & (2002). A abordagem dos maus-tratos contra a criança e o adolescente em uma unidade pública de saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**, 7(2), 275-283. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-81232002000200008&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 15 de mar. 2020.

GOODMAN, R; SCOOT, S. **Psiquiatria Infantil**, Editora Roca, 2004.

GRANJEIRO, Ivonete. **Abuso Sexual Infantil: A dimensão interdisciplinar entre Direito e Psicologia**. Brasília, DF: Editora Encanto das Letras, 2013.

HABIGZANG, Luísa Fernanda; WILLIAMS, Lúcia Cavalcanti de Albuquerque; GOMIDE, Paula Inez Cunha. **A outra face da violência: agressores em múltiplos contextos**. Curitiba: Juruá. 2016.

HABIGZANG, Luísa F. et al. **Grupoterapia Cognitivo Comportamental Para Meninas Vítimas de Abuso Sexual: Descrição de Um Modo de Intervenção**. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pc/v18n2/a12v18n2>>. Acesso em: 20 de out. 2020.

HUSS, Matthew T. **Psicologia forense: pesquisa, prática clínica e aplicações**. 1ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2011.

KAPLAN. H. I; SADOCK, B. J; GREBB, J. A. **Compêndio de psiquiatria: Ciências do comportamento e psiquiatria clínica**. (7a ed.). Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

MARTINS, Christinen Baccarat de Godoy; JORGE, Maria Helena Prado de Mello. **Abuso sexual na infância e adolescência: perfil das vítimas e agressores em município do sul do Brasil**. Florianópolis, 2010. Abr-Jun; 19(2): 246-55. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-07072010000200005&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 27 de set. 2020.

MARTINS, G. de A.; THEÓPHILO, C. R. **Metodologia da investigação científica para ciências sociais aplicadas**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2016.

MAIA, Thaynara Fernandes. **Abuso sexual de menores no meio intrafamiliar: as formas probatórias e as políticas públicas de combate à exploração infantil**. (Trabalho de conclusão de curso). Universidade da Estadual da Paraíba- UEPB, Campina Grande, PB, Brasil, 2012. Disponível em: <<http://dspace.bc.uepb.edu.br:8080/xmlui/handle/123456789/5385>>. Acesso em: 10 de abr. 2020.

MELO, Taciana Feitosa de; SOUZA, Anaysa Camara de; FLÖERING, Isabella Queiroga R.; MUNIZ, Lucilayne Maria da Silva. **Abuso Sexual e seus Possíveis Efeitos no Desenvolvimento da Criança e do Adolescente**. Psicologado. Edição 11/2015. Disponível em: <<https://psicologado.com.br/atuacao/psicologia-clinica/abuso-sexual-e-seus-possiveis-efeitos-nodesenvolvimento-da-crianca-e-do-adolescente>>. Acesso em: 13 set. 2020.

Ministério divulga dados de violência sexual contra crianças e adolescentes. **Gov.br**, 2020. Disponível em: <<https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2020-2/maio/ministerio-divulga-dados-de-violencia-sexual-contra-criancas-e-adolescentes>>. Acesso em: 01 de nov. 2020.

NABAS, Renato. **Fundamentação Teórica: Caso Complexo Maria do Socorro – Maus-tratos**. 2014. Disponível em:

<https://www.unasus.unifesp.br/biblioteca_virtual/pab/5/unidades_casos_complexos/unidade24/unidade24_ft_maus-tratos.pdf>. Acesso em: 27 de set. 2020.

NURCOMBE, B. (2000). Child sexual abuse I: Psychopathology. **Australian and New Zealand Journal of Psychiatry**, 34(1), 85- 91. Disponível em: <<https://doi.org/10.1046/j.1440-1614.2000.00642.x>>. Acesso em: 23 de abr. 2020.

OPAS. **OPAS/OMS apresenta estratégia para acabar com violência contra crianças e adolescentes**. 2017. Disponível em: <https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5499:op-as-oms-apresenta-estrategia-para-acabar-com-violencia-contra-criancas-e-adolescentes&Itemid=820>. Acesso em: 27 de set. 2020.

PAULINO. Mauro, ALHO. Laura. **Comportamento criminal e avaliação forense**. 1ª Edição impressa. Lisboa: Pactor editora, 2018.

PAOLUCCI, E. O., Genuis, M. L. & Violato, C. A meta-analysis of the published research on the effects of child sexual abuse. **The Journal of Psychology**, 135(1), 17-36. 2001. Disponível em: <<https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/00223980109603677>>. Acesso em: 13 de jun. 2020.

PEREIRA, Andreia Roque; PIRES, Inês Amarelo. **Abuso Sexual Infantil – uma abordagem geral**. 2014. Disponível em: <<https://www.researchgate.net/publication/307882263>>. Acesso em: 28 de set. 2020.

PRADO, M. C. C. A. (Org.). **O mosaico da violência**. São Paulo: Vetor, 2004.

RECHTMAN, Raizel; CASTELAR, Marilda; CASTRO, Rosângela. **Ética e Direitos Humanos na formação de profissionais de Psicologia em Salvador – Bahia**. 2013. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2177-20612013000200006>. Acesso em: 30 out. 2020.

SALGADO, Isabella Thaíse. **Abuso sexual infantil: consequências para saúde mental de crianças e adolescentes**. Anapólis, 2018. Disponível em: <<http://repositorio.aee.edu.br/bitstream/aee/1134/1/ABUSO%20SEXUAL%20INFANTIL-%20CONSEQU%20ANCIA%20PARA%20SA%20ADE%20MENTAL%20DE%20CRIAN%20AS%20E%20ADOLESCENTES.pdf>>. Acesso em: 20 de out. 2020.

SEGUNDO, Valério Andrade Porto. **Abuso sexual infantil, suas fragilidades e exposições legais de proteção**. 2019. Disponível em: <<https://ambitojuridico.com.br/edicoes/revista-176/abuso-sexual-infantil-suas-fragilidades-e-exposicoes-legais-de-protecao/>>. Acesso em: 29 de out. 2020.

SILVA, Doralúcia Gil da.; GAVA, Lara Lages.; DELL'AGLIO, Débora Dalbosco. **Sintomas e quadros psicopatológicos em supostas vítimas de abuso sexual: uma visão a partir da psicologia positiva**. Aletheia nº40. Canoas, 2013. Disponível

em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942013000100006>. Acesso em: 12 de out. 2020.

SERAFIM, Antonio de Pádua; SAFFI, Fabiana; RIGONATTI, Sérgio Paulo; CASOY, Ilana; BARROS, Daniel Martins de. Perfil psicológico e comportamental de agressores sexuais de crianças. **Ver. Psiq. Clín.** 2009; 36(3):105-11. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-60832009000300004>. Acesso em: 12 de set. 2020.

TUZZO, S., A.; BRAGA, C., F. O processo de triangulação da pesquisa qualitativa: o metafenômeno como gênese. **Revista Pesquisa Qualitativa.** São Paulo (SP), v. 4, n. 5, p. 140-158, ago. 2016. Disponível em: <<https://editora.sepq.org.br/rpq/article/view/38/31>>. Acesso em: 09 de out. 2020.